

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**VIRGÍNIA BARBOSA LUCENA CAETANO**

**#GORDANUNCAMAIS: O IMAGINÁRIO SOBRE O CORPO GORDO EM  
POSTAGENS FITNESS NO INSTAGRAM**

**Jaguarão  
2016**

**VIRGÍNIA BARBOSA LUCENA CAETANO**

**#GORDANUNCAMAIS: O IMAGINÁRIO SOBRE O CORPO GORDO EM  
POSTAGENS FITNESS NO INSTAGRAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Silveira da Silva

**Jaguarão  
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C127# Caetano, Virgínia Barbosa Lucena  
#gordanuncamais: o imaginário sobre o corpo gordo em  
postagens fitness no Instagram / Virgínia Barbosa Lucena  
Caetano.  
49 p.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑOL E RESPECTIVAS  
LITERATURAS, 2016.  
"Orientação: Renata Silveira da Silva".  
  
1. Análise de Discurso. 2. imaginário. 3. corpo gordo. 4.  
Instagram. I. Título.

**VIRGÍNIA BARBOSA LUCENA CAETANO**

**#GORDANUNCAMAIS: O IMAGINÁRIO SOBRE O CORPO GORDO EM  
POSTAGENS FITNESS NO INSTAGRAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Letras Português/  
Espanhol da Universidade Federal do Pampa,  
como requisito parcial para obtenção do Título  
de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 23 de agosto de 2016.

Banca examinadora:

*Renata S de Silva*

Prof. Dr. Renata Silveira da Silva  
Orientadora  
UNIPAMPA

*Sara L. Munaretto*

Prof. M.a. Sara Teirxeira Munaretto  
UNIPAMPA

*Vanessa Fonseca Barbosa*

Prof. M.a. Vanessa Fonseca Barbosa

Dedico este trabalho à vó Maria.

## AGRADECIMENTOS

À UNIPAMPA, FAPERGS e CAPES, pelas bolsas concedidas;

Aos meus colegas do grupo NELLP, por me ajudarem a desvendar a Análise de Discurso;

Aos meus colegas do grupo PIBID, por compartilhar comigo suas experiências e serem fundamentais na minha formação leitora;

À minha orientadora, Renata, por ter percebido em mim um potencial para a pesquisa, desde o início do curso; por ter confiado no meu trabalho; por estar sempre presente, compartilhar comigo suas leituras e ser, para mim, um exemplo de boa profissional;

Ao professor Luis Marozo, por ajudar a me reconhecer como leitora; por me manter sempre refletindo sobre meu contexto de formação e minha prática docente;

Aos professores Gustavo Ruckert, Vanessa Barbosa e Geice Peres, por me mostrarem que conhecimento não se constrói apenas com teorias, mas também com afeto; que quando temos amor pelo que ensinamos e humildade ao fazê-lo, conseguimos cativar as pessoas e transformar seus olhares em relação ao objeto de estudo;

À professora Leonor pela forma como ministrou a disciplina de TCC, sempre disponível, paciente e atenta às dificuldades do grupo. Suas contribuições foram muito relevantes para a construção deste trabalho;

Aos amigos do Círculo de Poetas e Escritores da Unipampa, por preencherem minha vida com poesia, compartilharem comigo seus escritos e me incentivarem a rascunhar meus primeiros versos;

Ao meu amigo Santiago pela revisão do trabalho, pelo companheirismo ao longo da graduação e por ser a melhor companhia para devaneios teóricos;

A minha amiga Millaine, pelo companheirismo ao longo da graduação e pela leitura crítica do trabalho;

Ao meu namorado Diego, pelo carinho e dedicação;

Aos meus pais, por todas as renúncias que fizeram para que eu pudesse concluir a graduação.

Muito Obrigada!

## **LISTA DE SIGLAS**

- AD – Análise de Discurso Pecheuxtiana
- FD – Formação discursiva
- FI – Formação Ideológica
- RA – Reeducação alimentar
- SD – Secção discursiva
- SDR – Sequência discursiva de referência

## RESUMO

Em um mundo marcado pela valorização da imagem e pelo estereótipo de corpo perfeito, o corpo gordo passa a ser condenado e marginalizado. Na tentativa de sair dessa posição estigmatizada, os sujeitos buscam, obsessivamente, modificar seus corpos, para alcançar o padrão corporal pré-estabelecido. Dentro desse processo, tornou-se comum, nas redes sociais, a criação de perfis, denominados *fitness*, nos quais sujeitos compartilham suas experiências no processo de emagrecimento. Esses relatos, construídos pelo entrecruzamento de diferentes discursos, assumem uma importância muito grande na disseminação de determinados imaginários sobre o corpo gordo. A partir disso, o presente trabalho, subsidiado pela Análise de Discurso Pecheuxiana, objetiva analisar o imaginário sobre o corpo gordo no discurso de mulheres que passaram pelo processo de reeducação alimentar. Para isso, selecionamos como corpus para análise duas postagens publicadas na rede social Instagram, em perfis considerados *fitness*. As postagens se configuram em autorrelatos sobre o processo de emagrecimento, produzidos a partir de uma imagem de antes e depois da reeducação alimentar. Na dessuperficialização da materialidade linguística, focalizamos nas marcas de tempo, de sujeito e na operação discursiva de negação. No processo de análise, buscamos, ainda, compreender como os diferentes discursos sobre o corpo gordo que circulam socialmente compõem o discurso do sujeito ex-gordo, reafirmando um imaginário negativo sobre o corpo gordo.

Palavras chave: Análise de Discurso, imaginário, corpo gordo, Instagram.



## RESUMEN

En un mundo marcado por la valoración de la imagen y por el estereotipo de cuerpo perfecto, el cuerpo gordo pasa a ser condenado y marginalizado. En la tentativa de salir de esta posición estigmatizada, los sujetos buscan, obsesivamente, modificar sus cuerpos, para alcanzar el modelo corporal establecido. Dentro de este proceso, se hizo corriente, en las redes sociales, la creación de perfiles, denominados *fitness*, en los que sujetos comparten sus experiencias en el proceso de adelgazamiento. Estos relatos, contruidos por el entrecruzamiento de distintos discursos, asumen una importancia muy grande en la difusión de determinados imaginarios sobre el cuerpo gordo. A partir de esto, el presente trabajo, subvencionado por la Análisis de Discurso Pecheuxtiana, objetiva analizar el imaginario sobre el cuerpo gordo en el discurso de mujeres que pasaron por el proceso de reeducación alimentar. A tal fin, seleccionamos como *corpus* para la análisis dos *posts* publicadas en la red social Instagram, en perfiles considerados *fitness*. Los *posts* se configuran en auto informes sobre el proceso de adelgazamiento, producidos a partir de una imagen de antes y después de la reeducación alimentar. En la desuperficialización de la materialidad lingüística, focalizamos en las marcas de tiempo, de sujeto y en la operación discursiva de negación. En el proceso de análisis, buscamos, aún, comprender como los distintos discursos sobre el cuerpo gordo que circulan socialmente, componen el discurso del sujeto ex gordo, reafirmando un imaginario negativo sobre el cuerpo gordo.

Palabras clave: Análisis de discurso, imaginario, cuerpo gordo, Instagram.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
1.1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA AD.....	13
1.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	18
1.2.1 Corpo, discurso e sociedade .....	18
1.2.2 O corpo gordo: história da obesidade .....	20
1.2.3 Corpo, redes sociais e discurso.....	24
<b>2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b> .....	27
2.1 ANÁLISE DAS IMAGENS.....	28
2.2 ANÁLISE DA PRIMEIRA POSTAGEM.....	31
2.3 ANÁLISE DA SEGUNDA POSTAGEM .....	35
2.4 DA LINEARIDADE ÀS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	38
<b>CONCLUSÃO</b> .....	42
REFERÊNCIAS .....	44
ANEXOS .....	45

## INTRODUÇÃO

Nunca fomos expostos a tantas imagens de corpos e nunca falamos tanto sobre corpos como na sociedade atual. Em quase todas as esferas da atuação humana, o corpo assume um lugar de destaque, configurando-se como um dos principais espaços simbólicos na construção dos modos de subjetividade dos sujeitos e desempenhando o papel principal nas relações que os sujeitos estabelecem com o mundo. Porém, nem todos os corpos se relacionam bem com as imposições do mundo contemporâneo.

Atualmente, passamos por um período de valorização da imagem corporal e, nesse contexto, a busca por um ideal de corpo perfeito se tornou, praticamente, uma ideia fixa do sujeito contemporâneo. A imagem corporal assume uma relevância tão grande nas relações sociais que pode configurar-se em um fator de discriminação e exclusão social, no caso do sujeito estar fora do padrão pré-estipulado socialmente. As representações de beleza e saúde veiculadas pela mídia alimentam os estereótipos de corpo perfeito e impõem configurações corporais, muitas vezes, impossíveis de serem alcançadas pelos sujeitos.

O corpo gordo, nesse contexto, é completamente marginalizado e estigmatizado. Ao valorizar a magreza, a sociedade transforma a gordura em um símbolo de derrota moral e o sujeito gordo passa a ser visto como negligente, preguiçoso, aquele que não tem capacidade de se transformar numa versão melhor de si mesmo. Características extremamente condenáveis dentro das exigências do estilo de vida contemporâneo. Frente à norma social, o corpo gordo passa a ser um corpo desviante, indesejável e, por vezes, desumanizado.

Essas relações sociais interferem diretamente na maneira como os sujeitos lidam e percebem seus corpos. De acordo com Vigarello (2012), o sujeito gordo, nesse contexto, passa a viver uma identidade fragmentada. Seu corpo, expressão máxima da sua identidade, não pode representá-lo, lhe causa mal-estar. Assim, surge a obsessão por modificar esse corpo, em alcançar o padrão pré-estabelecido, como se através desse processo fosse possível encontrar um equilíbrio, o sucesso, a felicidade.

Desse modo, a adesão a dietas, academias, terapias funcionais aumenta cada vez mais. A expansão da tecnologia permite que os sujeitos, além de estarem ligados a todas as novidades que surgem sobre o processo de emagrecimento, também possam compartilhar suas experiências no processo de modificação dos seus corpos. É a partir disso que surge, nas redes sociais, o que podemos denominar como universo *fitness*. Não basta mais, apenas, modificar o próprio corpo, é preciso mostrar o processo, compartilhar cada experiência positiva e

negativa, servir de exemplo para outros sujeitos que desejam adentrar na busca incessante pelo padrão corporal estabelecido.

Com a proliferação, no espaço virtual, desses perfis *fitness* surge uma nova posição sujeito: o ex-gordo. Esses sujeitos ocupam o lugar daqueles que alcançaram a tão sonhada modificação corporal, conseguiram sair da posição estigmatizada de gordo e passaram a ser aceitos socialmente. O discurso desses sujeitos, que em seus relatos apontam as mudanças maravilhosas que ocorreram nas suas vidas em virtude da perda de peso, são muito importantes para a disseminação de determinados imaginários sobre o corpo gordo.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar o imaginário sobre o corpo gordo no discurso de mulheres que passaram pelo processo de Reeducação Alimentar (RA). Para isso, selecionamos como *corpus* para análise duas postagens publicadas na rede social Instagram, em perfis considerados *fitness*. As postagens se configuram em autorrelatos sobre o processo de emagrecimento, produzidos a partir de uma imagem de antes e depois do processo de RA.

Adotamos, como perspectiva teórica, a Análise de Discurso Pecheuxtiana (AD), disciplina de entremeio, entre a Linguística e o campo das Ciências Sociais, que toma como objeto de estudo o discurso e considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise das relações estabelecidas entre: a língua, os sujeitos que a produzem e as situações em que os dizeres são produzidos. (ORLANDI, 2009). A escolha por essa perspectiva teórica para a análise dos discursos de mulheres que passaram por RA apoia-se no fato de que a AD, ao considerar a interferência da exterioridade na produção dos sentidos, nos permite compreender como os diferentes sentidos que o corpo gordo foi adquirindo ao longo da história são definidores dos imaginários produzidos sobre o corpo gordo atualmente.

Nosso trabalho se organiza em dois capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos, primeiramente, alguns princípios teóricos da AD, dando ênfase aos conceitos que, posteriormente, serão mobilizados na análise do *corpus*. Após, apresentamos as condições de produção imediatas e sociohistóricas do discurso em análise, organizando-as em três sessões: corpo, discurso e sociedade; o corpo gordo: história da obesidade; corpo, redes sociais e discurso. No segundo capítulo, primeiramente, apresentamos algumas considerações sobre a construção do nosso dispositivo analítico. Em seguida, analisamos as imagens que compõem as postagens, buscando traçar algumas similaridades entre os dois discursos analisados e, posteriormente, analisamos, individualmente, cada uma das postagens que compõe nosso *corpus*. Por fim, em uma sessão intitulada “da linearidade às condições de produção”,

buscamos traçar algumas relações entre as informações resgatas no primeiro capítulo, no qual expomos alguns aspectos sóciohistóricos que estão na base da produção de sentido dos discursos analisados e os aspectos explorados na análise do *corpus*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

É possível tomar a linguagem como objeto de análise a partir de diferentes perspectivas. Esse capítulo é, portanto, uma maneira de demonstrar nosso lugar de fala e quais conceitos tomamos como pressupostos para construir nosso olhar para o *corpus*. Sendo assim, serão apresentados, primeiramente, um conjunto de conceitos que, juntos, formam um recorte do dispositivo de interpretação da AD e, posteriormente, traremos as condições de produção do discurso em análise.

Destacamos que a AD carrega consigo uma série de pressupostos teóricos, advindos dos diferentes domínios disciplinares que constituem seu quadro epistemológico, contudo, não é nossa pretensão, nesse pequeno espaço que dispomos, dar conta de apresentar exhaustivamente o arcabouço teórico/metodológico da teoria. Nos concentraremos, então, em apresentar as noções que posteriormente serão mobilizadas nas análises das postagens eleitas como *corpus* desse trabalho.

### 2.1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA AD

A AD de vertente francesa teve origem a partir dos estudos do filósofo Michel Pêcheux, e se filia teoricamente a três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Cada uma dessas disciplinas contribui para a compreensão do funcionamento do discurso, concebido por Pêcheux (1969, p. 82) como “efeito de sentido entre interlocutores”. A Linguística toma como objeto de estudo a linguagem, meio pelo qual os discursos se materializam. O Marxismo pressupõe que todos os sujeitos são ideologicamente interpelados, ideologias essas que se materializam em seu discurso. E, por fim, a Psicanálise contribui para pensar o sujeito que produz o discurso e como se constitui a sua relação com o simbólico e com a historicidade.

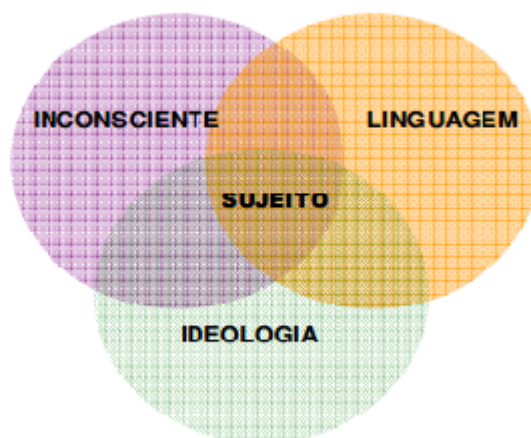
Embora a AD tenha como um dos seus pilares a Linguística, é importante ressaltar que a AD não trabalha com a língua na mesma perspectiva que a Linguística estruturalista, isto é, como autônoma, transparente e homogênea. A língua, para o analista de discurso, é opaca, é de ordem do material e tem como fato estruturante a possibilidade do equívoco. “É a língua da indefinição do direito e do avesso, do dentro e do fora, da presença e da ausência” (FERREIRA, 2005, p. 42).

Outro aspecto do qual a AD diverge com a linguística estruturalista é a noção de sujeito. Enquanto os estruturalistas, na tentativa de objetivar e homogeneizar a língua, excluíram a noção de sujeito, a AD tenta desautomatizar a relação com a linguagem, buscando, justamente, o sujeito descartado pela corrente estruturalista.

A noção de sujeito é constituída, na linha teórica de referência, pela interface entre o Materialismo Histórico e a Psicanálise. De um lado, temos o sujeito interpelado, assujeitado ideologicamente, e, de outro temos o sujeito descentrado, dotado de inconsciente. Contudo, de acordo com Ferreira (2005), o sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico, nem apenas o sujeito do inconsciente; também, não é correto dizer que esse sujeito seja uma mera soma entre essas partes. “O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui” (p.40).

Para esclarecer melhor esse lugar do sujeito na AD, a autora utiliza a metáfora do nó borromeano, que é construído a partir de três anéis que simbolizariam, dentro da metáfora, a linguagem, o inconsciente e a ideologia. O sujeito, localizado no entremeio dos anéis, é afetado, simultaneamente, pelas três noções e, como um ser em falta, deixa em cada uma delas um furo: “furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise”. (FERREIRA, 2010, p. 24)

**Figura 1**



Fonte: Ferreira (2010, p.24)

Para compreender o funcionamento de um discurso é necessário fazer dois movimentos: olhar para seu interior, sua materialidade, e temos o intradiscurso. E, olhar para

sua exterioridade, a memória discursiva que torna o dito dizível, e temos o interdiscurso. O sentido se constrói justamente nessa relação entre o que está sendo dito, em determinadas condições de produção, e todos os já-ditos que formam um saber discursivo constituído historicamente, que está na base da produção dos discursos.

Partimos do pressuposto, portanto, de que as palavras, sozinhas, não carregam um sentido; elas assumem diferentes sentidos em diferentes contextos. Esses efeitos de sentidos só são possíveis porque o discurso se inscreve na história e se relaciona com outros discursos. É nesse âmbito que a AD trabalha o conceito de memória discursiva, definida por Pêcheux (2010) como:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (p. 52).

A memória é tratada na AD pela noção de interdiscurso, conceituado, por Orlandi (2009), como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (p.31). Isso quer dizer que todos os sentidos já ditos por alguém, em diferentes contextos e diferentes momentos da história, têm efeito sobre os discursos que produzimos. O trabalho do analista configura-se, portanto, em questionar como o discurso restitui essa memória e a transforma produzindo diferentes efeitos de sentidos.

Dessa maneira, a memória discursiva “aciona” todos os dizeres historicizados, ditos e esquecidos, que formam o terreno do dizível e produzem sentidos a partir do processo de filiar o discurso ao contexto em que ele está sendo produzido. Assim, a palavra “gordo”, por exemplo, assume um sentido diferente em um discurso ligado aos saberes da medicina e em um discurso publicitário.

Desse modo, a memória faz valer as condições de produção do discurso, outro conceito fundamental em AD. Segundo Orlandi (2009), as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação de produção do discurso. Podemos considerá-las em sentido estrito, e temos o contexto imediato, ou em sentido amplo, e temos o contexto sócio-histórico-ideológico.

De acordo com Indursky (2001), ao voltar o olhar para a materialidade linguística, o que menos importa para a AD é a organização linguística interna ao texto. O objetivo é compreender de que maneira os elementos provenientes da exterioridade se manifestam na organização da materialidade discursiva e, assim, produzem sentidos. Em outras palavras, não



interessa ao analista apenas voltar seu olhar para o objeto linguístico (texto) e sim para o objeto sócio-histórico no qual o linguístico intervém como pressuposto (discurso).

Em relação à materialidade discursiva, é importante destacar que, para a AD, o discurso pode se materializar em diferentes linguagens; embora a teoria dê mais atenção, em um primeiro momento, ao discurso verbal. Essa abertura, que a teoria permite, para pensar as diferentes linguagens nas quais os discursos se materializam, nos é muito pertinente, já que os discursos eleitos por nós como objeto de análise desse trabalho são produzidos em um contexto no qual as linguagens verbal e imagética são mobilizadas para a construção de uma unidade discursiva.

Dentro desse processo, de olhar para a materialidade linguística e buscar compreender como ela é afetada pela exterioridade para produzir sentido, há dois conceitos de suma importância para a AD e que visam mostrar como as ideologias se materializam nos discursos. Esses conceitos são: Formação discursiva (FD) e Formação Ideológica (FI). Para compreender essa relação, é preciso partir da premissa de que os sentidos são determinados pelas posições ideológicas assumidas no processo sócio-histórico em que o discurso é produzido.

Ao caracterizar o conceito de FI, Pêcheux (1975) afirma que:

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras. (p. 166).

O sujeito para a AD é sempre interpelado pela ideologia e ocupa um lugar social, mesmo que não seja consciente disso. A maneira como a sociedade organiza as diferentes posições sociais vai constituir as FIs, que, por sua vez, se materializarão em diferentes FDs. Essas FDs definirão o que pode ou não ser dito dentro de uma dada FI. Os sentidos dos discursos se constituem, justamente, por estarem inscritos em uma determinada FD. Mesmo que dois discursos utilizem as mesmas palavras, podem produzir sentidos diferentes, por inscreverem-se em FDs diferentes. Na análise do *corpus* será possível visualizar como os discursos sobre o corpo podem ser atravessados por diferentes FIs e produzir assim distintas FDs.

É importante destacar que faz parte dos princípios de leitura da AD olhar, também, para o não-dito, e, nesse sentido, o conceito de FD é muito importante. Partimos do

pressuposto de que no dizer há sempre um não-dizer necessário. “Quando se diz x, o não dito y permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de x. Isto é, uma formação discursiva pressupõe sempre uma outra” (ORLANDI, 1999, p.82). Essas relações de sentido, entre o dito e o não-dito, são muito importantes para construção do nosso dispositivo analítico, já que a negação, operação discursiva que está na base da nossa análise, funciona, justamente, pela incorporação dos não-ditos que estão na base da produção de sentidos do dizer.

Outro fator importante para pensar como o posicionamento tomado pelo sujeito implica nos sentidos produzidos por seu discurso é o que a AD define como “relações de força”. De acordo com esse conceito, o lugar de fala assumido pelo sujeito é constitutivo do seu dizer. Assim, os sujeitos produtores dos discursos aqui analisados, assumem um lugar de autoridade ao falar sobre o corpo gordo, uma vez que centram seu discurso em si mesmos, em seu processo de emagrecimento, nas relações com seu próprio corpo. Ainda que, a AD não compreenda esses sujeitos como físicos em seus lugares empíricos e sim como projeções que assumem posições de sujeito no discurso. O que permite essa transição de situações empíricas para posições de sujeito no discurso é o que a AD concebe como: formações imaginárias.

Para compreender as formações imaginárias, primeiramente, é preciso compreender como funciona o mecanismo de antecipação. De acordo com Orlandi (2009), todo sujeito possui a capacidade de colocar-se no lugar de seu interlocutor, antecipando, assim, os possíveis sentidos que suas palavras produzirão. “Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (p. 39).

Nessa antecipação, o sujeito projeta uma formação imaginária de seu interlocutor, e é a partir dela que organiza suas estratégias discursivas. Também faz parte das formações imaginárias, o imaginário que o sujeito tem de si mesmo, do lugar de onde fala, do lugar de seu interlocutor e do assunto tratado, determinando, assim, as relações de força no discurso. Ocorre, portanto, um jogo entre três imaginários: de si, do outro e dos já-ditos possíveis que compõe o discurso.

Nos discursos analisados nesse trabalho estarão em jogo, portanto, os imaginários que os sujeitos em processo de RA têm de si mesmos, os imaginários que esses sujeitos têm de seus interlocutores, nesse caso, seus seguidores do Instagram e os imaginários que esses sujeitos têm sobre o corpo gordo. Nosso interesse analítico está focando, especialmente, nesse último imaginário.

Especialmente os conceitos de memória discursiva e imaginário, apresentados aqui, são de extrema importância para compreender os efeitos de sentido produzidos pelo discurso dos sujeitos em processo de RA. Uma vez que, só é possível compreender os sentidos que o corpo gordo recebe em nossa sociedade e as posições que os sujeitos assumem em relação a seus corpos, hoje, se resgatarmos, no interdiscurso, os diferentes sentidos que o corpo foi ganhando ao longo da história e que são definidores dos imaginários construídos sobre o corpo gordo atualmente.

É com esse objetivo que, na segunda sessão desse capítulo, fazemos um resgate dos diferentes discursos produzidos sobre o corpo gordo, começando pelas relações entre corpo e sociedade, até chegar às relações entre corpo e tecnologia, já que os discursos que analisamos nesse trabalho são produzidos no ciberespaço. Buscamos contemplar, assim, as condições de produção imediatas e sócio-históricas.

## 2.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

### 2.2.1 Corpo, discurso e sociedade

Nem sempre o corpo teve a relevância social que possui hoje, nem foi interesse de estudos de diferentes áreas do conhecimento. Courtine (2013) diz que “o corpo, um belo dia, veio bater à porta”, destacando o corpo como uma invenção teórica da virada do século XX. Até esse momento, de acordo com o autor, o corpo era considerado apenas como “um pedaço de matéria”, sem relevância como objeto de estudo nas ciências humanas; a alma era o principal interesse dos estudiosos. As primeiras mudanças nesse quadro teórico emergiram da psicanálise, quando Freud, em seus estudos sobre a histeria, mostrou que o corpo poderia funcionar como porta-voz do inconsciente. Também a Filosofia e a Antropologia passaram a dedicar um olhar ao corpo, inscrevendo-o nas formas sociais da cultura.

Com a relevância que o corpo foi assumindo na sociedade, também foram se ampliando os estudos sobre ele. É a partir das décadas de 60/70 que o corpo começa a ser pensado como objeto de estudo pelas teorias do discurso, encontrando, nessa perspectiva, alguns obstáculos teóricos, já que, a análise de discurso foi estruturada para pensar as estruturas discursivas sobre o modelo da língua (COURTINE, 2013).

Com as transformações políticas que vinham ocorrendo nesse contexto histórico, o corpo começou a exercer uma função importante nas reivindicações políticas da época,

passando a habitar o centro das palavras de ordem das lutas sociais e das aspirações individuais, das minorias desprivilegiadas. A partir desse momento, passou a ser inegável a importância de pensar o corpo associado ao contexto político/social.

Se a sociedade ocidental viveu uma época em que o corpo não tinha muita relevância social, e nem espaço nos estudos do discurso, ousamos afirmar que vivemos hoje o completo oposto disso. Vivemos uma época fortemente marcada pelo individualismo, pelo imediatismo, pelas experiências sensoriais, pela supervalorização da imagem, e o corpo, nesse contexto, assume, mais do que nunca, um lugar de destaque.

O indivíduo contemporâneo parece considerar o corpo o terreno sólido em que realiza esses ideais pregadas pela sociedade contemporânea. O indivíduo parece manter com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção e de esgaçamento de seus limites, da qual retira um benefício narcíseo e social, pois sabe que na maior parte das vezes, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos de felicidade, saúde e beleza. Pensar a obsessão atual pela construção da aparência como espécie de resposta à instabilidade, fragmentação e efemeridade que marcam a vida social nos ajuda a compreender a centralidade assumida pelo culto ao corpo na cultura contemporânea. (DANTAS, 2011).

Nessa perspectiva, Le Breton (2012) desenvolve a teoria da promoção do corpo a *alter ego*: o corpo passa a desempenhar o papel principal na relação do sujeito com o mundo, é transmutado em substituto do sujeito. “Busca-se uma sociabilidade ausente, abrindo em si uma espécie de espaço dialógico que assimila o corpo à posse de um objeto familiar, ou o alça à posição de parceiro”. (LE BRETON, 2012, p. 249). Esse corpo dissociado torna-se, no imaginário atual, o meio pelo qual é possível transformar o sujeito imaterial. O corpo passa a ser cuidado, mimado, explorado como território a conquistar, objeto de todas as atenções e investimentos. Cuidar bem do corpo passa a ser sinônimo de cuidar bem de si.

As relações que os sujeitos estabelecem com seus corpos, contudo, não são estritamente individuais e sim mediadas por uma série de discursos que circulam socialmente sobre o corpo. A mídia, nesse contexto, assume um papel extremamente relevante, pois, tem o poder de selecionar quais discursos serão mais difundidos e, assim, manipular os imaginários sobre o corpo que serão assumidos como “verdades” na sociedade.

Por traz desses discursos, há uma série de questões políticas e econômicas, assim como relações de poder estabelecidas entre diferentes esferas sociais, que serão definidoras da construção desses imaginários. Por traz do imaginário de corpo perfeito, criado e difundido pela mídia, por exemplo, está toda uma indústria de produtos *fitness* que alimenta esse imaginário, pois dele depende sua existência. Essa indústria, por sua vez, se apoia no discurso

médico/clínico, que assume um lugar de legitimidade ao tratar do assunto, e, assim, contribui para a formação de estereótipos e idealizações sobre a construção do corpo perfeito.

Os sujeitos, influenciados por esses imaginários de beleza e perfeição, estabelecem as relações com seus corpos, tomando-os como objetos a serem moldados na tentativa de alcançar os padrões pré-estabelecidos. Tudo que foge a esse padrão precisa ser modificado ou escondido. Não são todos os corpos que são autorizados a ocupar todos os espaços na nossa sociedade.

Não é qualquer corpo que veste um biquíni e vai à praia, que pode dançar, que pode estampar a capa de uma revista, que aparece na televisão sem ser ridicularizado, etc. No imaginário social atual, o conceito de felicidade está diretamente ligado a um padrão corporal. É preciso ser magro para ser feliz, desejado, para se sentir bem em qualquer espaço. Todo corpo que foge a esse padrão pré-estipulado causa um mal-estar social, incomoda. E é justamente esse espaço, do incômodo, que ocupa o corpo gordo. Nesse contexto do culto ao corpo, a gordura passa a representar um pesadelo realizado. “Observamos, assim, um grito de guerra contra a gordura, uma nova versão de uma luta em que a última batalha não está à vista e não há perspectiva de vitória”. (DANTAS, 2011, p. 907).

Contudo, para pensarmos o espaço que ocupa o corpo gordo, hoje, em nossa sociedade, não cremos possível direcionar nosso olhar apenas para o contexto atual, uma vez que, os imaginários sobre o corpo são construídos historicamente. Achamos importante, portanto, resgatar diferentes discursos sobre o corpo gordo inscritos na história, para tentar compreender, então, como chegamos às relações de sentido estabelecidas, hoje, em relação à obesidade.

### 2.2.2 O corpo gordo: história da obesidade

Ser gordo nem sempre foi uma condição estigmatizada na sociedade ocidental; na Idade Média, o corpo gordo simbolizava saúde e indicava riqueza, abundância. Em um contexto no qual reinava a fome e a precariedade, exibir um corpo gordo era demonstração de uma condição social privilegiada. Vigarello (2012) destaca como símbolo da relação entre gordura e poder a figura do glutão medieval, celebrado por sua saúde e vigor.

Essa lógica se aplicava também as mulheres, cujo padrão de beleza estava centrado na ausência de magreza. Contudo, havia limites ao prestígio do corpo gordo; haviam sanções dirigidas aos excessos, ao “muito gordo”, ligadas, especialmente, as limitações físicas desses

corpos. “A verdadeira gordura é a que entrava a ponto de impedir a mobilidade. Somente o incômodo físico, a dificuldade de movimento seriam traços primordiais. Mantendo-se certa opacidade: o gordo poderia ser apreciado, mas o muito gordo condenado.” (p. 29).

Com a renascença, muda-se a crítica ao gordo, que passa a ser focada mais na preguiça, na sua incapacidade de ser ágil e a gordura passa a ser considerada sinônimo de lerdice, não apenas física, mas também mental. Em um mundo no qual a atividade física adquire lugar de destaque, os traços mais magros passam a ser valorizados e o corpo gordo passa a ser estigmatizado e ironizado. Nos séculos XVI e XVII, surgem novas palavras para designar gordura, buscando criar fronteiras entre os corpos considerados “um pouco gordos” e “muito gordos”. É nesse contexto que surgem palavras como “roliça”, “gorducho”, “encorpado” e “pançudo”, por exemplo. É nessa época, também, que começam as tentativas de sugerir graus de gordura, começando pela utilização de advérbios de intensidade (mais, menos, pouco, muito), ainda sem fazer menção a pesos e medidas numéricas. No universo feminino, passam a ser registrados regimes e fórmulas para a redução de peso, assim como, práticas de comprimir o corpo para diminuir seu volume, como a utilização corseletes e espartilhos.

É no período do Iluminismo que a gordura corporal passa a ser um interesse científico, e assim, surgem aparelhos e instrumentos para medição do peso. O peso passa a ser controlado, medido e comparado, na busca de um equilíbrio entre ingestão de alimentos e excreção. Também, tornam-se mais difundidas as dietas e tônicos emagrecedores.

Por volta de 1777, com Buffon, se estabelecem as primeiras relações entre peso e altura, sugerindo, a partir de cálculos, qual seria o peso ideal de um homem. É com a expansão dos estudos da medicina que se passa a compreender melhor o funcionamento do corpo e as implicações do excesso de gordura nesse processo. Nesse contexto, a palavra “obesidade” como patologia humana começa a ser usada com frequência e o corpo obeso passa a ser estigmatizado, agora pela característica da impotência, da perda da sensibilidade.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de se acentuarem, nessa época, as diferenças entre a gordura do corpo masculino e feminino. Enquanto no corpo masculino, alguns traços de volume ainda eram considerados “normais” e apreciados, o modelo feminino já era condicionado à silhueta estriada e uniformemente magra. Essas distinções passam a ser também de cunho social, a gordura como marcador de classes. “O ‘peso’ incarna um status, valoriza o sedentarismo da banca, dos negócios, do funcionalismo, o trabalho de gabinete, sua eficácia.” (VIGARELLO, 2012, p. 158)

Na primeira metade do século XIX, com os avanços dos estudos da química, o sobrepeso passa a ser compreendido, pela primeira vez, como energia “não queimada” pelo corpo. É nesse contexto que surge a metáfora do corpo como uma máquina, cujo combustível são os alimentos. Passa-se a estudar, então, as diferentes funções dos alimentos e as reações que eles causam no corpo ao serem ingeridos.

A partir daí, alguns alimentos, como açúcar e amido, passam a ser tratados como inimigos do corpo e surgem, assim, os primeiros sinais da constituição de uma ciência da nutrição humana. Em consequência disso, há uma mudança no conceito de “comer bem” que deixa de ser considerado como a fartura de comida, e passa a ser considerado pela qualidade do que se come.

A figura do obeso, agora, passa a ser relacionada à infelicidade, ao sofrimento, às humilhações sofridas pelo fato de ser gordo e a luta para contornar essa situação. Como destaca Vigarello (2012), ao tratar de relatos de pessoas obesas:

A originalidade do texto, então, é evocar uma “amputação” vivida no íntimo, um drama da pessoa consigo mesma. O que dá à obesidade uma nova condição: não se trata mais de simples enfermidade, de mero desvio de comportamento, mas de sofrimento cuja miséria é preciso levar em conta como um abscesso íntimo, um tormento contínuo. [...] A infelicidade aumenta ainda mais com as tentativas de emagrecimento, todas infrutíferas, o regime abandonado muito antes da hora, o vinagre, o corpete [...]. (p. 239).

É na segunda metade do século XIX, porém, que se solidificam os estudos sobre a nutrição e se torna possível uma orientação mais precisa sobre as diferenças entre os organismos, as especificidades dos regimes e a implicação de atividades físicas no processo de emagrecimento. Foi nessa época que se popularizou o uso da balança e o controle sobre o peso e medidas se banalizou na vida cotidiana.

No campo da medicina, os estudos avançaram a ponto de tornar-se possível classificar diferentes níveis de obesidade, assim como a relação da obesidade com doenças como diabetes e gota. Além disso, foram distinguidas duas causas para a obesidade: a primeira, é uma pré-disposição genética, e, a segunda, o consumo excessivo de alguns alimentos.

No âmbito social, o lazer ganha espaço; a condição feminina se torna mais ativa e passa-se a estabelecer uma relação diferente com a nudez. Com isso, aumenta a vigilância sobre o obeso, a estética passa a ser a principal relação estabelecida entre os sujeitos e seus corpos e o gordo passa ser considerado feio, desagradável aos olhos.

É no século XX que se solidifica o que Vigarello (2012) classifica como a revolução do magro, “um novo imaginário tecnológico sugere mais fluidez e nervosidade, acentuando o que é ágil e esbelto, ao mesmo tempo em que crescem os desejos de controle e de afirmação de si.” (p. 287). O gordo passa a ser considerado uma ameaça tanto estética quanto vital. A estigmatização do gordo deixa de ser relacionada às suas incapacidades físicas e passa a ser vista pelos olhos da negligência em relação ao próprio corpo; o gordo passa a ser o desleixado, o incapaz de se transformar.

O fracasso adquire uma nova figura, reforçada pela banalização do tratamento e pela ascensão do psicológico. Crescem os relatos dolorosos. Como crescem na cultura contemporânea as autoavaliações e os testemunhos sobre a experiência própria. O lugar assumido pelo magro reforça duplamente a estigmatização. O obeso não é mais apenas o gordo. É também aquele que não consegue mudar: identidade desfeita numa época em que o trabalho sobre si mesmo e a adaptabilidade se tornam critérios obrigatórios. (VIGARELLO, 2012, p. 300-301).

A partir dos anos 20, o uso da palavra obesidade renova-se e passa a definir fases muito avançadas de sobrepeso, contudo, a vigilância sobre a gordura se dissemina e passa a ser intolerável qualquer nível de gordura, até o mais sutil. Passa-se a observar detalhes antes ignorados, como a celulite, por exemplo, considerada como um sintoma precoce da gordura, torna-se motivo de preocupação. Surge, assim, um mercado da obesidade, buscando vender soluções antiobesidade de toda natureza. Massagens, terapias, ginásticas especiais, tratamentos estéticos e cirúrgicos, cada vez mais profissionais se especializam em tratamentos voltados ao público gordo, a obesidade se converte em um mercado extremamente lucrativo.

Vigarello (2012) destaca que, nesse contexto de proliferação de técnicas e terapias para emagrecimento, ganham destaque os “relatos de cura”. As revistas passam a publicar testemunhos de leitores que tiveram sucesso no processo de emagrecimento, destacando, principalmente, as técnicas usadas e o tempo que se levou para chegar ao resultado desejado. O autor classifica esses relatos de experiência, que passam a se impor a partir dos anos 20, em três tipos: o primeiro caracteriza o emagrecimento como uma luta constante, no qual afirmações como “estou muito gorda” e “preciso fazer algo para emagrecer”, se tornam insistentes. Não importa se o sujeito realmente está acima do peso ou não, emagrecer é necessário para todos e sempre. O segundo tipo de relato é o de obra do médico ou terapeuta, que relata trajetórias terapêuticas de combate a obesidade, detalhando cálculos, testes, etc. destacando os fatores determinantes e inesperados do processo. E, por fim, o terceiro relato é o de pessoas que sofrem por não conseguir perder peso, apesar de todos os sacrifícios e tratamentos. A dor é o centro desses relatos, mas não a dor física e sim o sofrimento pela



condição de ser gordo, pela incapacidade de se transformar, de alcançar a meta imposta pela sociedade sobre seu próprio corpo.

A obesidade, hoje, de acordo com Vigarello (2012), é caracterizada por um fenômeno inédito: sua situação de epidemia. O obeso passou a ser visto como um doente social, um indivíduo incômodo aos olhos atuais. Essa mudança também reflete na configuração do autotestemunho: “a identificação cada vez maior do indivíduo com seu corpo na sociedade de hoje acentua, no caso do obeso, uma insuperável dilaceração íntima: viver uma identidade ‘partida’ e constatar ao mesmo tempo a impossibilidade de superá-la”. (p.318). O sujeito passa a se sentir traído pelo seu próprio corpo, mas é nele que encontra a expressão de sua identidade, assim, a relação sujeito/corpo passa a ser mais conflituosa, pois negar o próprio corpo seria o mesmo que negar a si mesmo. “A cultura da obesidade afirma a que ponto mudou da acusação para o autotestemunho, da estigmatização para a vitimização”. (p. 319).

Outro aspecto que influi na relação dos sujeitos com seus corpos e na configuração dos autotestemunhos é a disseminação da tecnologia. A partir da imersão digital acentuada no século XXI, se modificam as relações entre corpo e mente e também os espaços onde os discursos sobre o corpo são produzidos. É desses aspectos que vamos tratar a partir de agora.

### 2.2.3 Corpo, redes sociais e discurso

Até o século XX, os padrões de corpo perfeito socialmente instituídos circulavam através da mídia televisiva e das revistas de moda e saúde; o alcance desses discursos era grande, porém limitado. A partir do século XXI, com a ampliação da conexão digital e a participação em massa dos sujeitos nas redes sociais, esses discursos sobre o corpo passaram a ter um alcance muito maior. A temática da alimentação e do corpo saudável, que compõe o que chamamos de universo *fitness*, assume um espaço bem demarcado dentro da configuração de perfis nas redes sociais.

Nas comunidades construídas em volta da temática *fitness* nesses ambientes virtuais, é comum a exposição excessiva de corpos, através do *self*, foto tirada pelo próprio sujeito, de si mesmo, normalmente com um aparelho celular e compartilhada na internet. Esses corpos destacam-se pela forma física e tornam-se modelos a serem seguidos, representando um imaginário do bem-estar, do sucesso pessoal. Dentro desse contexto obsessivo de exibição do

próprio corpo, algumas redes sociais se destacam, como é o caso do Instagram, rede social na qual foram publicadas as postagens que compõe o *corpus* do nosso trabalho.

O Instagram é uma rede social de compartilhamento de imagens que é acessada através de um aplicativo, gratuito, para celulares. O aplicativo permite que o usuário tire fotos, ou utilize fotos que já estão em seu aparelho celular, edite-as, aplicando filtros disponíveis e compartilhe, no próprio Instagram e também em diversas outras redes sociais como Facebook, Twitter e Tumblr.

O acesso à rede social não se limita apenas ao uso do aplicativo, o usuário tem a possibilidade de acessar sua conta através de um site, contudo, nessa modalidade de acesso as possibilidades de intervenção são limitadas, os usuários conseguem visualizar, curtir e fazer comentários em fotos já publicadas, porém, não é possível publicar novas postagens.

A linearidade dos discursos produzidos nessa rede social se organiza da seguinte maneira: no topo da postagem aparece a foto ou vídeo selecionado pelo usuário, abaixo é possível inserir um texto que funciona como legenda para a imagem/vídeo e ainda é possível inserir *hashtags*<sup>1</sup> ao corpo do texto. É interessante observar que, embora as *hashtags*, em sua função original, sirvam como um mecanismo de agrupamento e busca de conteúdos afins, na medida em que seu uso foi se intensificando, suas funções também se ampliaram, e hoje as *hashtags* passaram a compor os textos, funcionando como uma construção discursiva complementar ao que é explicitado no texto principal da legenda. Portanto, as *hashtags*, assim como as imagens e o texto das legendas, compõem a materialidade discursiva dos discursos analisados nesse trabalho.

As postagens que selecionamos como *corpus* desse trabalho foram publicadas por perfis que podemos classificar como *fitness*. Destacamos que a temática *fitness* é mobilizada em diferentes discursos dentro das redes sociais, mas nós compreendemos como perfis *fitness*, aqueles que são dedicados, exclusivamente, às relações com o corpo no âmbito nutricional e de preparação física. Esses perfis são, na maioria das vezes, criados por pessoas que passaram ou estão passando pelo processo de RA e utilizam o ambiente virtual para relatar suas práticas diárias e trocar informações com outras pessoas que estejam passando pelo mesmo processo.

É interessante observar, nessa rede de perfis composta por sujeitos em processo de RA, uma necessidade de manter um diálogo com outros sujeitos não apenas como simples vaidade em serem reconhecidos por suas ações, mas como uma maneira de alimentar e motivar o próprio processo que estão vivendo. Compartilhar as experiências pessoais adquire

---

<sup>1</sup> Hashtags são palavras chave ou termos associados a uma informação, antecipadas pelo símbolo cerquilha (#) que, dentro da rede, viram hiperlinks indexáveis pelo mecanismo de busca.

uma função dupla: motivar outras pessoas a adentrar esse universo *fitness*, convencendo-as a assumir um imaginário negativo sobre o corpo gordo e a necessidade de modificar esse corpo. E, também, utilizar a resposta positiva desses outros sujeitos que se identificam com os relatos, para dar sentido ao processo de RA, alimentando o imaginário negativo sobre o corpo gordo e motivando a produção de novos relatos.

Dentro das diferentes postagens que circulam nesses perfis, escolhemos como objeto de análise postagens que se organizam pelo contraste de duas fotos, representando o antes e o depois da RA. Estabelecemos como critérios para o recorte do *corpus*: o perfil ser feminino e brasileiro, a dona do perfil ter entre 18 e 35 anos, a postagem ter sido publicada há no máximo dez meses antes do início da pesquisa, ter se identificado pela #gordanuncamais e a autora da postagem ter emagrecido por RA sem intervenção cirúrgica. É importante destacar esse último critério porque também faz parte dessa comunidade virtual *fitness*, perfis de pessoas que emagreceram por cirurgia bariátrica e construíram o perfil para relatar o processo de RA, após a cirurgia. Nós descartamos, para essa pesquisa, esses discursos, especificamente, porque compreendemos que eles partem de condições de produção diferentes e, embora tenham muitas similaridades com o discurso que nós analisamos, as diferenças não permitiriam que partíssemos dos mesmos pressupostos.

### 3 ANÁLISE DO *CORPUS*

Retomando alguns princípios teóricos, para a AD, a linguagem é opaca, os sentidos são determinados historicamente, o sujeito se constitui pela ideologia e pelo inconsciente, o discurso é o lugar da ruptura e do equívoco. Sendo assim, cabem as perguntas: como deve proceder o analista? Como construir um dispositivo de análise que leve em consideração todos os pressupostos citados? Nesse sentido, Orlandi (1999) destaca que:

[...] a proposta é a da construção de um dispositivo de interpretação. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (p.59)

Podemos afirmar, portanto, que em AD não há um dispositivo de interpretação absoluto. É função do analista, frente ao *corpus* selecionado, particularizar e construir seu dispositivo de análise. É importante destacar, também, que não é objetivo dessa perspectiva analítica o que Orlandi (1999) define como exaustividade horizontal, e sim uma exaustividade vertical. Em outras palavras, compreendemos que as possibilidades interpretativas do nosso objeto de análise são inesgotáveis, uma vez que “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro.” (p. 62). Portanto, não buscamos uma análise em extensão e sim em profundidade, selecionando algum aspecto passível de análise e explorando-o ao máximo.

Partindo disso, em nossa análise, na qual objetivamos compreender os imaginários sobre o corpo gordo nos discursos de mulheres que passaram pelo processo de RA, selecionamos, como elementos da materialidade discursiva a serem analisados: as imagens, a negação, as marcas de tempo e as marcas de pessoa, com ênfase à negação. Em relação à organização da análise, voltaremos nosso olhar, primeiramente, à materialidade imagética, traçando relações de similaridades entre os dois discursos selecionados e, posteriormente, à materialidade verbal, analisando individualmente as postagens, a partir dos elementos já apontados.

### 3.1 ANÁLISE DAS IMAGENS

Figura 2<sup>2</sup>

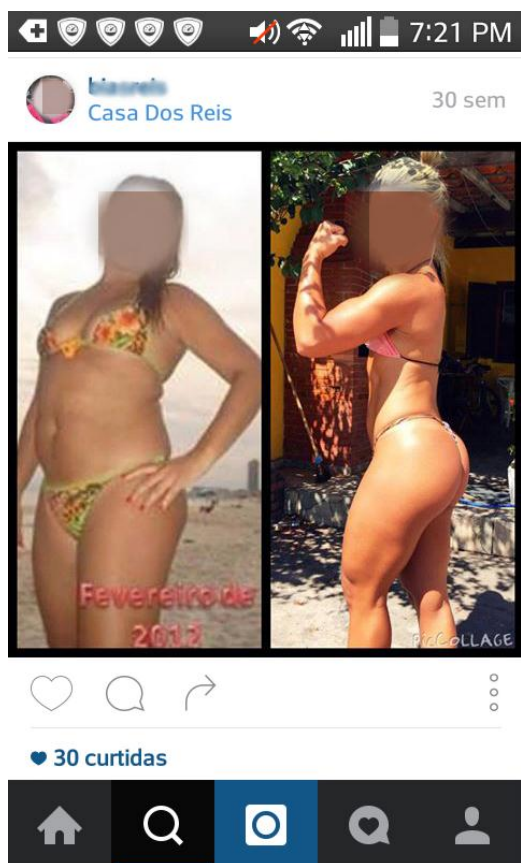


Figura 3



Antes de começar a análise propriamente dita, cabe ressaltar que nos valemos, nesse trabalho, do dispositivo metodológico construído por Quevedo<sup>3</sup> (2012), que a partir dos princípios teóricos da análise de discurso, constrói um arcabouço analítico voltado à imagem<sup>4</sup>, levando em consideração as relações entre os elementos constituintes das formulações visuais<sup>5</sup>. Esse dispositivo analítico e a análise realizada pelo autor, em sua dissertação, na qual ele detém seu olhar em uma capa de revista que mostra o rosto de uma mulher dividido entre

<sup>2</sup> As figuras 2 e 3 são capturas de tela, produzidas por nós, através no aplicativo Instagram, versão 6.1.0 para android.

<sup>3</sup> Embora tenhamos destacado, anteriormente, que é função do analista construir seu dispositivo analítico frente ao corpus escolhido, é interessante destacar que, em determinadas situações, é possível se valer de dispositivos analíticos construídos por outros analistas, especialmente, quando há similaridades entre os discursos escolhidos como objeto de análise. Como nesse caso, que nos valeremos do dispositivo analíticos construído por Quevedo para analisar a materialidade visual que compõe nosso corpus.

<sup>4</sup> Quevedo (2012) compreende que imagem pode significar tanto a materialidade visual da textualização de um discurso, quanto o resultado da produção de um recorte no imaginário. Para nosso trabalho, nos valeremos da primeira noção de imagem.

<sup>5</sup> Quevedo (2012) conceitua formulação visual como intradiscurso visual.

o antes e o depois do uso de drogas nos é muito pertinente para a análise das relações de sentido estabelecidas nas imagens que compõem o nosso *corpus*.

Na AD, o recorte da imagem será uma operação realizada pelo analista que selecionará as partes que julga importantes para sua análise, levando em consideração que, na materialidade visual, não cabe recortar o *corpus* em sequências discursivas, pois o termo “sequência” implica uma noção de linearidade de leitura que não é coerente com a linguagem imagética. Quevedo (2012) propõe que denominemos como “sequências discursivas” as formulações de natureza verbal recortadas do discurso em análise e como “secções discursivas” (SD) as formulações visuais recortadas da materialidade discursiva.

Consideraremos, no nível da formulação visual, como SDs: a foto do sujeito gordo (SD1), a foto do sujeito magro após o processo de RA (SD2) e o traço divisor entre as duas imagens (SD3). Também poderiam ser considerados como SDs os elementos que compõem o layout do aplicativo, como a foto de perfil e o nome de usuário, a data de publicação da foto, a indicação do local onde a foto foi tirada, a numeração abaixo da foto que indica o número de curtidas e, também, as indicações de “antes” e “durante” adicionadas por meio de edição às fotos postadas. Contudo, cremos relevantes para o objetivo de nossa análise, apenas as três primeiras SDs citadas.

Destacamos as três SDs selecionadas como elementos de similaridade entre as imagens escolhidas, pois, ambas, se organizam pelo contraste de duas fotos: uma anterior ao processo de RA, na qual o sujeito exibe um corpo gordo, e outra posterior ao processo, na qual o sujeito exibe um corpo magro. É interessante notar que na Figura 1, aparecem o mês e o ano na foto do corpo gordo, enquanto na Figura 2, estão presentes as expressões “antes” e “durante”. Esta é utilizada tendo em vista que o processo de RA é contínuo, mas, nas análises, nos reportaremos às imagens utilizando as palavras “antes” e “depois” como forma de menção ao corpo anterior e posterior ao emagrecimento.

E o traço vertical, por sua vez, também é um elemento comum às duas postagens e é utilizado como um recurso de divisão entre o antes e o depois do processo de RA. Sendo assim, as considerações feitas a partir de agora sobre as relações de sentido produzidas pelos elementos das três SDs se aplicarão às duas imagens.

Para compreendermos as relações de sentido produzidas pela comparação das duas imagens (SD1 e SD2), a SD3 é um elemento visual extremamente importante, pois, opera como um marcador do deslocamento temporal entre o antes e o depois do processo de RA. O traço promove o efeito de sentido de comparação entre os dois corpos e mobiliza uma

memória discursiva que remete a determinados discursos publicitários de beleza, nos quais esse elemento é utilizado como recurso para contrastar o antes e o depois da utilização de um determinado produto e evidenciar as modificações estéticas possíveis de serem alcançadas pelo seu uso.

Nesse sentido, o traço divisor funciona como um elemento de tensão entre o imaginário do sujeito “natural”, sem a intervenção do produto estético, e o imaginário de um padrão de beleza socialmente instituído. No discurso em análise, a SD3 assume um efeito de sentido diferente, pois, embora simule a mesma estratégia de comparação entre dois estágios, aqui as relações de sentido entre o antes e depois são voltadas ao processo pessoal de cada sujeito e, assim, esse traço passa a mobilizar a memória do processo de RA e as formações imaginárias que esses sujeitos têm de si e do seu corpo.

A partir do desdobramento desse sujeito em dois momentos distintos, antes e depois da RA, podemos perceber, também, uma divisão em duas posições-sujeito diferentes: o sujeito gordo e o sujeito ex-gordo. Na SD1, temos uma posição-sujeito, definida não apenas pelo corpo gordo, mas pela relação que esse sujeito estabelece com seu corpo. Na SD2, temos uma mudança na posição-sujeito, que se constitui a partir da nova relação com seu corpo e da memória do antigo corpo.

Assim como no plano visual percebemos que as SD1 e a SD2 funcionam como marcações de diferentes posições sujeito e como mecanismos de deslocamento temporal, no plano verbal, também há marcas que sustentam essa leitura. A sequência discursiva #deFATaFIT, por exemplo, produz essas mesmas relações de sentido. As expressões *fat* e *fit*, representam duas posições-sujeitos diferentes, o sujeito gordo e o sujeito magro, e as preposições *de* e *a*, produzem o efeito de deslocamento temporal. Outra sequência discursiva que nos permite assumir esse desdobramento do sujeito é a #novamulher, na qual, através do adjetivo nova, o sujeito produz o efeito de sentido de distanciamento da posição-sujeito que assumia no passado, quando era gordo, e assumindo uma nova posição-sujeito após o processo de RA.

Outra observação importante sobre as relações de sentido entre a SD1 e a SD2 é que elas operam na tensão entre a memória e o esquecimento. Na SD1 o sujeito evoca a memória do corpo gordo, contudo, essa memória é resgatada, apenas, para marcar o contraste com a memória do corpo magro, evocada pela SD2. É a memória do corpo magro que o sujeito quer que se perpetue, a memória do corpo gordo, quando não está funcionando como mecanismo de contraste, deve ser esquecida. Como temos um *corpus* composto por uma hibridez de

linguagens, os efeitos de sentido vão se constituir pela relação entre a materialidade visual e verbal. Para compreendermos, melhor, como se dá essa relação entre a memória e o esquecimento, precisamos, portanto, olhar para algumas sequências discursivas que juntamente com as SDs 1 e 2 vão produzir esse efeito de sentido.

No plano verbal temos duas sequências discursivas que estão diretamente relacionadas às SDs 1 e 2: a #gordanuncamais e a #magraparasempre. As designações *gorda* e *magra* representam lexicalmente as configurações corporais representadas visualmente pelas SDs 1 e 2, e as expressões temporais *nunca mais* e *para sempre*, marcam a relação que o sujeito estabelece com as duas memórias (do corpo gordo e do corpo magro). As expressões linguísticas expressam o desejo do sujeito em se aproximar da posição-sujeito representada pela SD2 e eternizar a memória do corpo magro, enquanto, marca o afastamento da posição-sujeito representada pela SD1 e pede que essa memória seja esquecida.

### 3.2 ANÁLISES DA PRIMEIRA POSTAGEM

O estudo da negação é fundamental para nossa análise porque as postagens selecionadas como *corpus* desse trabalho se encontram profundamente marcadas por essa propriedade discursiva, e a negação, nesse contexto, desempenha um papel muito importante na constituição do imaginário sobre o corpo gordo. Sendo assim, antes de começarmos a análise das sequências discursivas de referência (SDR) selecionadas, cabe salientar alguns aspectos teóricos sobre a negação na perspectiva da AD.

De acordo com Indursky (1997), a negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos, ou seja, a partir da negação é possível evidenciar a presença do discurso-outro. No caso das postagens que estamos analisando, a partir da negação, pretendemos identificar como o discurso do sujeito ex-gordo se relaciona com o discurso nutricional, com o discurso motivacional, com o discurso dos sujeitos gordos e dos sujeitos que defendem a pluralidade de corpos em resistência ao discurso fitness. Para compreender como essas diferentes relações se constituem, nos embasamos em Indursky (1997) que organiza três diferentes operações discursivas da negação:

- Negação externa: incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva antagônica.



- Negação interna: assim como a formação discursiva externa, revela a presença de um discurso outro, contudo, não estabelece fronteiras ideológicas, pois incide sob um discurso que provém da mesma FD que a internaliza.
- Negação mista: mobiliza as duas operações anteriores, incidindo, ao mesmo tempo, sobre discursos inscritos em diferentes domínios do saber.

No discurso das mulheres que passaram por RA, observaremos o funcionamento discursivo da negação tendo em vista a presença da memória discursiva, pois é no interdiscurso que buscaremos os enunciados que se relacionam com o discurso em questão e assim, tornam possível a produção de sentido. No caso específico do discurso em análise, esse retorno a outros dizeres não se dá apenas sob a forma da negação, também são importantes para nossa análise as marcas de tempo e de desdobramento do sujeito.

Realizadas essas considerações, passamos agora a análise da primeira SDR:

**SDR1:** Não estava satisfeita.

Na SDR1, podemos observar o funcionamento do que Indursky (1997) denomina como operação discursiva de negação externa. Nesse caso, o advérbio *não* introduz a negação do discurso-outro, como uma maneira de se posicionar frente às diferentes relações que os sujeitos estabelecem com seus corpos. Podemos desdobrar essa frase em duas formulações pertencentes a discursos ideologicamente antagônicos: de um lado a formulação  $X = \text{não estava satisfeita}$ , produzida dentro da FD de não aceitação do corpo gordo, a qual o sujeito em análise se filia; e de outro lado a formulação  $Y = \text{estava satisfeita}$ , produzível em uma FD antagônica a que o sujeito se filia, na qual o corpo gordo seria aceito e prestigiado.

Sobre a negação discursiva externa, Indursky (1997) afirma que esse funcionamento aponta duas características essenciais: a marca de negação é explícita e o discurso do outro é implícito. Nesse caso temos o advérbio *não* como uma marca explícita de negação e o processo de negação está funcionando como a materialização linguística do confronto ideológico entre duas FDs. De um lado o discurso dos sujeitos que aceitam e se sentem bem com sua condição corporal e de outro, o discurso dos sujeitos que não aceitam o corpo gordo e lutam para modificá-lo. Esse discurso outro, portanto, que não é dizível dentro da FD em que o sujeito se insere; passa a constituir o seu discurso através da modalidade negativa, ou seja, transformando o discurso do outro em seu contrário, o sujeito o incorpora na forma de não-dito.

Ao olharmos as condições de produção sócio-históricas do enunciado da SDR1, podemos perceber que por meio dessa SDR, o sujeito *ex-gordo* além de assumir uma posição em relação a seu corpo, evoca a memória do *ser gordo* na nossa sociedade e de todas as construções sociais que levam o sujeito a não se identificar com seu próprio corpo. Conforme nos mostra Indursky (1997), é através do trabalho da memória discursiva que se torna possível relacionar o que é dito na sequência discursiva com os dizeres de outros discursos, sustentando, assim, os sentidos produzidos.

**SDR2:** Não foi fácil.

Já na SDR2, ao desdobrarmos a formulação  $X = \textit{não foi fácil}$ , em sua versão antagônica, encontramos duas opções possíveis: primeiro a formulação  $Y = \textit{foi fácil}$  e segundo a formulação  $W = \textit{é fácil}$ . O verbo *ser* conjugado em diferentes tempos, pode ser considerado uma marca discursiva que indica quem, dentro da FD dada, é autorizado a ser sujeito desse discurso.

No primeiro caso, com o verbo conjugado no pretérito imperfeito, os possíveis sujeitos desse discurso se restringem a pessoas que passaram pelo processo de RA, enquanto na segunda formulação, com o verbo conjugado no presente, os possíveis sujeitos desse discurso se ampliam a um conjunto maior de pessoas que se posicionam em relação ao processo de RA, mas, não necessariamente, precisam ter vivenciado uma RA.

Buscando no interdiscurso, possíveis FDs nas quais a formulação W seja dizível, podemos destacar, por exemplo, o discurso nutricional, que utiliza formulações discursivas dessa natureza para motivar os sujeitos a iniciarem uma RA, ou também, o discurso de pessoas que compreendem a obesidade como desleixo do sujeito obeso e utilizam esse discurso como uma maneira de criticar esses sujeitos por sua condição corporal.

Dentro do percurso analítico proposto por Indursky (1997), podemos considerar o funcionamento da negação na SDR3 como negação mista. Sobre essa operação discursiva de negação a autora destaca:

Entendemos por negação mista a mobilização das duas modalidades de negação anteriores examinadas através de uma única operação de negação, isto é, na sequência discursiva de D1 dá-se a confluência entre uma relação de antagonismo e uma relação de contradição. Assim, em um mesmo enunciado discursivo, o sujeito de D1 refuta D2 e contrapõe-se a D3. (p. 335)

Compreendemos, portanto, que ao materializar seu discurso a partir da formulação X, esse sujeito ao mesmo tempo contrapõe-se à formulação Y, apontando uma contradição dentro da FD em que está inserido e refuta a formulação W, incorporando, por meio da negação, esse discurso-outro ao seu discurso.

**SDR3:** Não é com desculpas que se atinge o objetivo.

Embora na linearidade da materialidade discursiva essa sequência se apresente no início da postagem, decidimos deixar sua análise para o final por compreendemos que o funcionamento discursivo da negação, nessa sequência específica, não se encaixa em nenhuma das categorias organizadas por Indursky, as quais vêm norteando nossa análise. A relação com o discurso-outro, nessa sequência não é de antagonismo, como na negação externa, nem de contradição, como na negação interna. Compreendemos que, nesse caso, há um processo de identificação entre posições-sujeito, a negação aparece no discurso do sujeito ex-gordo porque ela já existe no discurso com o qual esse sujeito se identifica.

Se buscarmos desdobrar a SDR3 em uma sequência antagônica, perceberemos que  $Y = \textit{É com desculpas que se atinge o objetivo}$ , não é uma sequência discursiva produzível em nenhum FD. Contudo, ao olharmos para o interdiscurso, veremos que a SDR3 é uma formulação muito comum nos discursos motivacionais de diferentes naturezas, que dentro do contexto *fitness* pode ser produzido pelo nutricionista, ou também pelo preparador físico.

Nesse caso, a negação funciona como um indício do imaginário que os sujeitos do meio *fitness* possuem dos sujeitos gordos e também como um mecanismo de antecipação das possibilidades de respostas desses sujeitos à realização dos processos necessários para o emagrecimento. Podemos perceber um imaginário sobre o sujeito gordo como aquele que sempre busca desculpas para não emagrecer (não tenho tempo, não tenho dinheiro, estou passando por um momento difícil e não tenho disposição, etc.).

Conforme Orlandi (2009), as formações imaginárias podem ser percebidas, no processo discursivo, por meio dos mecanismos de antecipação, pois, os sujeitos estabelecem suas estratégias discursivas a partir da projeção das representações imaginárias de seu interlocutor. A SDR3, portanto, funciona como uma antecipação das respostas possíveis dentro do imaginário sobre o sujeito gordo, desconstruindo-as, por meio da negação desse possível discurso. Ao incorporar essa formulação discursiva a seu discurso, o sujeito ex-gordo

passa a compartilhar desse imaginário sobre o sujeito gordo e se coloca no lugar de quem já esteve nessa posição-sujeito imaginária e a superou.

Após essa breve análise de algumas sequências discursivas recortadas da materialidade discursiva, podemos identificar o imaginário sobre o corpo gordo no discurso analisado. A partir das operações de negação, podemos concluir que o corpo gordo, nesse discurso, se associa à insatisfação, à infelicidade; é um corpo que precisa ser eliminado, com o qual o sujeito não se identifica.

Contudo, embora o processo de emagrecimento seja caracterizado como difícil, ele é possível. O corpo gordo, nessa perspectiva, não é um corpo permanente, ele é passível de ser modificado e o responsável por essa modificação é o próprio sujeito. Esse imaginário fica mais evidente a partir das sequências *#escolha* e *#querer*, que colocam o sujeito como dono do seu corpo e único responsável pelo processo de emagrecimento. A sequência *#novamulher*, por sua vez, produz o imaginário de que o corpo gordo não é apenas uma condição corporal, ele faz com que o sujeito assuma uma determinada posição-sujeito, que se modifica, na medida em que o corpo também se modifica.

### 3.3 ANÁLISE DA SEGUNDA POSTAGEM

Na análise da primeira postagem percebemos que o funcionamento discursivo da negação era fundamental para compreendermos o imaginário sobre o corpo gordo produzido por aquele discurso. Assim como na postagem anterior, essa postagem também é muito marcada pela negação, mostrando que essa propriedade discursiva é uma regularidade desses discursos. Sendo assim, não nos preocuparemos em apresentar novamente as diferentes operações discursivas de negação, categorizadas por Indursky (1997), uma vez que elas já foram desenvolvidas na análise anterior e se aplicam, igualmente, a essa análise.

**SDR4:** “Sou gorda e não posso mudar isso”

Na SDR4, podemos observar o funcionamento do que Indursky (1997) denomina como operação discursiva de negação externa. Nesse caso, o advérbio *não*, seguido do modalizador *posso*, introduz a negação do discurso-outro, como uma maneira de se posicionar frente às possibilidades de modificação do próprio corpo. Através da negação, o sujeito se contrapõe ao discurso representado pela formulação *você pode mudar isso*, muito produzida

dentro da FD nutricional. O modalizador *posso* assume uma função importante no efeito de sentido produzido por essa SDR.

Na categorização da modalização proposta por Hengeveld<sup>6</sup> (2004 apud BRUNELLI; BASTOS, 2011), podemos compreender essa operação como uma modalização epistêmica, na qual um evento é caracterizado como possível ou não a partir do que é sabido sobre o mundo. Esse funcionamento discursivo é importante para nossa análise porque através dessa operação de modalização, esse discurso mobiliza a memória da relação entre o sujeito gordo e o processo de emagrecimento, uma relação marcada pela dificuldade, pelos sacrifícios e pelo fracasso.

Já analisada estruturalmente a operação de negação, agora precisamos compreender que lugar e que função assume a SDR4 dentro do discurso do sujeito ex-gordo. A sequência discursiva em análise é um resgate do discurso do sujeito gordo, que por meio de citação direta, é inserida, em seu discurso, pelo sujeito ex-gordo, como um mecanismo de argumentação. O sujeito ex-gordo usa seu discurso anterior através da citação direta, estabelecendo um distanciamento em relação à posição-sujeito assumida no passado. O uso da citação vem reforçar a percepção de que o sujeito, após o emagrecimento, institui-se como um novo sujeito, por ter um novo corpo, logo, os dizeres anteriores, passados, não podem ser enunciados pois provêm de uma outra FD. Assim, a negação, nesse contexto, não funciona como a negação do discurso-outro, ela pertence ao discurso-outro, que está sendo desconstruído pelo sujeito ex-gordo.

#### **SDR5:** não posso deixar a alma gorda dominar

A SDR5 também se constitui a partir da operação de negação externa, a sequência discursiva em análise pode ser desdobrada na sua versão antagônica: *posso deixar a alma gorda dominar*, que é produzível dentro de uma FD na qual os sujeitos compreendem que é possível ser gordo e ser feliz. Novamente, temos a marcação de um confronto ideológico entre duas FDs: de um lado, uma FD marcada pela ideologia *fitness*, que compreende que os corpos precisam ser modificados para alcançar um determinado padrão, e, de outro, uma FD de desconstrução dessa ideologia *fitness*, que repensa esse padrão corporal socialmente estabelecido e reivindica a apreciação das diferentes configurações de corpos.

---

<sup>6</sup> HENGEVELD, K. Mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.). Morphology: a handbook on inflection and word formation. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1202.

Assim como na SDR4, nessa sequência em análise o modalizador *posso* assume uma função importante nos efeitos de sentido produzidos por essa SDR. Contudo, nesse contexto de uso, o *posso* não opera a partir da mesma categoria de modalização. Embasados, ainda, na categorização proposta por Hengeveld (2004 apud BRUNELLI; BASTOS, 2011), podemos classificar essa modalização como deôntica. De acordo com o autor, a modalidade deôntica descreve um participante que se encontra sob uma obrigação ou tem uma permissão para se engajar no evento designado pelo predicado.

O *posso*, na SDR5, funciona quase como um “dever”, pois o sujeito diz para si mesmo que é obrigatório, é seu dever, manter-se fiel a uma rotina alimentar saudável e de baixa caloria. O status de obrigatoriedade de não sucumbir, de não se render, à visão gulosa em relação à comida ainda é reforçado pelo uso do modalizador “preciso” conjugado na primeira pessoa, em sequências anteriores à SDR5 e pelo uso de “dever”, numa sequência posterior, que funciona como um elemento que retoma o “posso” enunciado anteriormente. É como se o sujeito usasse alternadamente *posso* e *devo*, em uma relação parafrástica.

A expressão *alma gorda*, também é um elemento muito importante dessa SDR, que nos remete, mais uma vez, ao desdobramento do sujeito. A “alma gorda” está associada à alimentação excessiva e inadequada utilizada como elemento de satisfação, felicidade, compensação, etc., pelo sujeito gordo. Essa “alma gorda” traz consigo todos os hábitos que foram responsáveis por tornar esse sujeito gordo e que precisam ser eliminados para que o sujeito modifique seu corpo e possa assumir uma nova posição-sujeito. Essa relação de poder que se estabelece entre o sujeito e o que ele define como “alma gorda” pode ser percebida pelo uso do verbo *dominar* e pela sequência *#exorcizaalmagorda*.

Esses elementos permitem ler o discurso em análise atrelado à complexa questão dos ressentimentos, pois o sujeito ex-gordo coloca-se como um ressentido, sempre assombrado pela possibilidade de seu opressor, seu passado, sua *alma gorda*, retornar e intensificar um sofrimento impossível de ser esquecido. Kehl (2005) define o ressentimento como

um afeto, ou uma constelação de afetos – composta de ira, inveja, amargura, desejos de vingança, queixas melancólicas – que desperta reações ambivalentes. [...]. Ressentir-se implica, por um lado, uma persistência no sofrimento; por outro, a atribuição a um outro da responsabilidade pelo que nos faz sofrer. (p. 164)

O relato com caráter autobiográfico funciona como um resgate da memória e os sujeitos em análise persistem na memória do corpo gordo que está atrelada ao sofrimento. O retorno à memória do corpo gordo pode ser percebido na SD1, na recuperação das

características físicas pela sequência discursiva: *eu era gorda, 84kg*, associando essa condição física à adolescência. Essa memória também aparece na repetição excessiva da palavra *gorda*, ao longo do discurso. O sujeito, ao mesmo tempo que relembra o corpo gordo o instaura como um corpo que não deve mais voltar (preciso... eu devo... não posso...).

Esse sujeito se desdobra entre o sujeito do corpo gordo e o sujeito do corpo magro, recusando a posição de corpo gordo assumida no passado. O sujeito refere-se à condição física anterior utilizando a expressão *alma gorda*. Por meio dessa expressão, o sujeito delega à *alma gorda* a responsabilidade pelo sofrimento vivido no passado e transforma essa alma em uma opressora que o coloca em constante necessidade de RA, pois está sempre subordinado a uma espécie de vilão que ameaça retornar. O sujeito caracteriza a *alma gorda* como se pudesse fragmentar-se, pondo à margem uma posição-sujeito subordinada a uma alimentação excessiva. Esses elementos reforçam que o sujeito do discurso *fitness* opera um desdobramento em dois sujeitos diferentes.

De acordo com Kehl (2005), o ressentido não consegue esquecer uma dor, ele persiste no sofrimento. O sujeito do discurso em análise lembra todo momento da tristeza de ter um corpo que não quer e do medo de ser dominado por esse corpo. Contudo, é interessante perceber, que algumas *hashtags* promovem uma tentativa de esquecimento do corpo gordo e uma eternização do corpo magro; como observado na análise das SDs 1 e 2. Esse sujeito, portanto, resiste à memória da dor quando enuncia para si mesmo expressões como *#gordanuncamais*, parecendo, assim, querer sair da condição de ressentido.

A partir dessas considerações, podemos perceber que o imaginário sobre o corpo gordo, nessa segunda postagem, está mais relacionado a uma relação de poder do que na postagem anterior. Aqui, o corpo gordo é um corpo opressor, responsável pela dor e sofrimento do sujeito. Além disso, o corpo gordo, a partir desse discurso, não é um corpo totalmente eliminável, ele continua presente na vida sujeito pela memória da dor e do sofrimento. Ele assume um papel de vilão que precisa ser controlado sempre, pois, a qualquer momento, através da “alma gorda”, pode voltar a dominar o sujeito. A memória do corpo gordo impõe que o sujeito viva sempre se policiando e torna a RA um processo eterno.

### 3.4 DA LINEARIDADE ÀS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Já havíamos ressaltado, na sessão teórica, que compreender o funcionamento do discurso, a partir da perspectiva da AD, requer dois movimentos: olhar para o intradiscurso e

para as condições de produção, buscando compreender como essas duas instâncias se interrelacionam, ou seja, perceber como a exterioridade se inscreve na materialidade discursiva.

Em um primeiro momento do trabalho, apresentamos as condições de produção imediatas e sócio históricas que delimitam de que lugar é produzido o discurso em análise e quais já-ditos estão na base da sua produção de sentidos. Ao analisar as postagens que compõem nosso *corpus*, em um primeiro momento, buscamos explorar os aspectos linguísticos e suas relações discursivas. Uma das características encontradas a partir das operações discursivas de negação foi a evocação de uma série de memórias e discursos-outros que passavam a fazer parte do discurso dos sujeitos analisados a partir da modalidade negativa.

Naquele momento, não havia espaço para aprofundarmos essas relações de sentido entre o que estava sendo dito e os já-ditos que compõem o interdiscurso. Contudo, compreendemos que esse é um processo essencial para que possamos conceber como se dá o funcionamento do discurso analisado. Sendo assim, nessa sessão, buscaremos retomar alguns aspectos das condições de produção apresentadas anteriormente, percebendo de que maneira eles se inscrevem na materialidade discursiva do *corpus* analisado.

Dentro do imaginário socialmente instituído sobre o sujeito gordo, podemos destacar como características principais: a falta de vaidade, a incapacidade de mudança, a falta de consciência sobre o próprio corpo, a ausência de determinação e força de vontade para modificar seu corpo, entre outras. No discurso em análise, percebemos que a memória de todas essas características pertencentes a esse imaginário social são resgatadas e os sujeitos ex-gordos, ao tentar se afastar desse imaginário, o reforçam mais ainda.

Através de sequências como: *hoje me tornei uma mulher consciente, vergonha na cara e coragem e estou sempre em busca de melhorar*, esses sujeitos reforçam o imaginário de que o gordo é negligente em relação a seu corpo e que só está nessa condição por não se esforçar para modificá-la. Também há uma tentativa de desconstruir o imaginário da vitimização do sujeito gordo, como percebemos nas sequências: *#escolha*, *#querer* e *sou dona de mim*.

Outro aspecto a destacar é o fato do discurso *fitness* se constituir a partir de diferentes FDs, que estabelecem relações de força e legitimidade dentro dessa esfera discursiva. O discurso dos sujeitos que se identificam com essa ideologia é perpassado pelo discurso midiático, pelo discurso médico/clínico, pelo discurso motivacional, etc. Boa parte



do discurso do sujeito ex-gordo é constituído pela incorporação desses discursos-outros que circulam dentro dessa FD. A SDR3 é um exemplo de incorporação do discurso do nutricionista ao discurso do sujeito ex-gordo. As sequências *#foco*, *#força*, *#fé*, *#vamosquevamos*, *#semneuras*, são exemplos de incorporação de discursos motivacionais, muito populares no âmbito da autoajuda e que passam a fazer parte do discurso desses sujeitos, revelando um imaginário sobre si e sobre o processo de RA vinculados à superação. Dessa maneira, novamente, é reforçado o imaginário de que o gordo é um sujeito fracassado, incapaz de se transformar numa “versão melhor de si mesmo”.

A tese de Vigarello (2012), de que o gordo, hoje, vive uma identidade “partida”, sentindo-se traído pelo próprio corpo, pois não encontra nele uma real expressão da sua identidade, de certa forma, se confirma na análise do nosso *corpus*. Quando o sujeito se desdobra em duas posições-sujeitos, e especialmente, na segunda postagem, na qual o sujeito se refere a sua condição anterior através da expressão *alma gorda*, para qual delega a culpa de todo seu sofrimento, ele assume essa identidade partida. Ser gordo ou magro deixa de ser apenas uma característica física e se torna um elemento definidor do imaginário que o sujeito tem de si e da posição-sujeito em que se coloca.

As considerações de Dantas (2011) que compara as relações que o sujeito contemporâneo estabelece com o corpo gordo a uma guerra, cujas batalhas serão permanentes, também ganham força a partir da nossa análise. As sentenças introduzidas pelos modalizadores como *preciso*, *não posso*, *devo*, assim como expressões imperativas como *#ficamagraporra* e *#exorcizaalmagorda*, dão uma força enunciativa às postagens que recriam esse cenário de guerra mencionado pela autora. Algumas expressões de tempo, por sua vez, *para o resto da vida*, *todos os dias*, *para sempre*, produzem o efeito de sentido de permanência a que a autora se refere. O processo de RA é contínuo, o sujeito ex-gordo se coloca no lugar de quem precisa assumir, permanentemente, o controle sobre seu corpo e isso só é possível através de boa alimentação e exercício contínuo. A batalha contra a gordura nunca é uma batalha vencida, pois, um mero deslize na rotina *fitness* pode acarretar no aumento de peso.

Nesse contexto, o compartilhamento, nas redes sociais, da rotina de alimentação e exercícios colabora para a manutenção do processo de RA. O sujeito, ao se expor para outras pessoas, produz um imaginário sobre si, ligado à força e à superação. Os *likes* e comentários dos seguidores motivam o sujeito ex-gordo, que precisa se manter focado na manutenção do peso para conservar esse imaginário criado sobre si, ou seja, o imaginário de si como sujeito

capaz de mudança é alimentado pelo imaginário de superação que o outro tem, e ambos imaginários só se sustentam, enquanto se conservar um imaginário negativo sobre o corpo gordo. Temos, portanto, um entrecruzamento entre três formações imaginárias: o imaginário de si, do outro e do corpo. Assim, a memória do corpo gordo atrelada ao sofrimento, à insatisfação, à vergonha, precisa ser sempre retomada, pois é ela que dá sentido a todo o processo de modificação corporal. É preciso manter viva essa memória e compartilhar com outras pessoas, para assim, alimentar um imaginário coletivo sobre o corpo gordo. Os autorrelatos assumem essa função e, por isso, são tão recorrentes nessa esfera discursiva.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, procurou-se compreender o imaginário sobre o corpo gordo no discurso de mulheres que passaram pelo processo de RA. Para isso, foram analisadas, à luz da Análise de Discurso Pecheuxiana, duas postagens, publicadas na rede social Instagram, que se configuravam em autorrelatos sobre o processo de emagrecimento, produzidos a partir de uma imagem de antes e depois da RA.

No primeiro capítulo do trabalho, ao resgatarmos as condições de produção sóciohistóricas do discurso em análise, percebemos que o repúdio à gordura corporal não é produto, exclusivamente, da contemporaneidade. A imagem estigmatizada do gordo foi uma construção sóciohistórica que teve início no período da renascença e foi se intensificando no decorrer dos séculos. No século XXI, por uma série de fatores, como o individualismo, a supervalorização da imagem e a incessante busca por experiências sensoriais, o corpo assumiu um lugar de destaque, os estereótipos de corpo perfeito, ancorados em um ideal de magreza, passaram a se proliferar e o corpo gordo, mais do que nunca, passou a ser condenado, considerado inaceitável, dentro da norma social vigente.

Nas postagens analisadas podemos perceber um reforço a esse imaginário negativo sobre o corpo gordo. Em ambas postagens, o corpo gordo é associado à insatisfação, à infelicidade; é um corpo que precisa ser eliminado, com o qual o sujeito não se identifica. Além disso, percebemos que o corpo gordo não é apenas uma condição corporal, ele faz com que o sujeito assumira uma determinada posição-sujeito, que se modifica, na medida em que o corpo também se modifica. O sujeito ex-gordo é, portanto, um sujeito fragmentado em duas posições-sujeito: o sujeito do corpo gordo, anterior a RA e o sujeito do corpo magro, posterior a RA.

Também podemos perceber há uma relação de poder, bem demarcada, entre o sujeito ex-gordo e seu corpo. Nessa relação, o corpo assume uma posição de opressor, ele é responsável pela dor do sujeito. Nesse sentido, é produzido o imaginário de um corpo que não pode ser totalmente eliminado, pois, ele se mantém presente na vida do sujeito pela memória do sofrimento e do medo de voltar a ser dominado. Esses elementos nos permitiram atrelar uma parte da análise à complexa questão do ressentimento. Por não ser foco do nosso trabalho, nesse momento, a questão do ressentimento foi pouco desenvolvida, visto a sua potencialidade. Reconhecendo isso, apontamos o desenvolvimento desse aspecto como um possível aprofundamento desse trabalho, em pesquisas futuras.

Nesse primeiro momento de pesquisa, para darmos conta de fazer uma análise deveras consistente, no espaço que dispúnhamos, tendo em vista a natureza desse trabalho, precisamos estabelecer critérios bem rígidos de seleção do corpus. Nesse processo, outros discursos potencialmente analisáveis dentro dos nossos objetivos precisaram ser descartados. Como foi mencionado no primeiro capítulo, também fazem parte da comunidade virtual *fitness* um conjunto de perfis de sujeitos que emagreceram por cirurgia bariátrica. Partindo disso, apontamos como um possível desdobramento desse trabalho a comparação entre discursos de sujeitos que emagreceram por RA e por cirurgia bariátrica, buscando perceber se os imaginários sobre o corpo gordo e as relações de poder entre os sujeitos e seus corpos se aproximam ou se distanciam. Nesse sentido, poderiam ser traçadas algumas considerações sobre a relação entre as condições de produção e a constituição dos imaginários.

Os resultados apontados por nosso trabalho e as possibilidades investigativas futuras, recém citadas, são indícios da urgência de que se volte o olhar para os discursos sobre o corpo gordo que circulam na nossa sociedade. As complexas relações que os sujeitos contemporâneos estão construindo com seus corpos, alimentadas pela obsessão por padrões pré-estabelecidos, geram produções discursivas ricas de possibilidades interpretativas. Nesse sentido, os princípios teóricos da Análise de Discurso Pecheuxtiana nos permitem explorar vários efeitos de sentido produzidos por esses discursos, que ainda estão à espera de análises.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo**: Pensar com Foucault. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BRUNELLI, A. F.; BASTOS, S. D. G. A manifestação das diferentes modalidades no emprego do verbo auxiliar poder em português e em espanhol: análise do discurso de autoajuda. **Signo & Seña**, v. 22, p. 165-180, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122323>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

DANTAS, J. B. O culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.11, n.3, p. 898-912, 2011. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8342/6137>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

FERREIRA, M. C. L; Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v.24, n.48, p.17-34, jan./jun.2010. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636/17316>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. In: FERREIRA, M.C.L; INDURSKY, F. (orgs). **Michel Pêcheux & Análise de Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2007. P. 39-46.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade dos discursos à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: ERNEST-PEREIRA, A. & FUNK, S. B. (orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. P. 27-41.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 2ª edição.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: Princípios & Procedimentos. Campinas, Pontes, 2009. 8ª edição.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD – 69). In: GADET, F; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. P. 61-105.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010. 3ª edição.

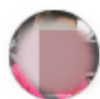
\_\_\_\_\_; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, F; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

# ANEXOS

## Primeira postagem





**biasreis**  
Casa Dos Reis

30 sem

♥ 30 curtidas

**biasreis** Não é com desculpas que se atinge o objetivo. Isso serve pra tudo nessa vida!! Pra quem não sabe tá ai. Sim eu era gorda. Não estava satisfeita. Muitas pessoas me perguntam o que tomei, ai respondo: vergonha na cara e coragem!! Não foi fácil, esse mês completou 3 anos q mudei de vida, e estou sempre em busca de melhorar. Nada que vale a pena é fácil, lembrem-se disso!! 😊

#compromissocomigo #foco #bonecaderferro  
#projetonovo #novamulher #fit #deFATaFIT  
#exgordinha #musculação #escolha #saúde  
#abençoada #dietasempre #força #fé  
#gordanuncamais #querer #treino #tododia  
#vamosquevamos 🍑🍑🍑 😊

Ver todos os 10 comentários

**josi\_baracho** Arrasou.. show!!!

**apaula\_fuente** Parabens bunitona!!!



Segunda postagem



capitãofor

1 sem



♥ 157 curtidas







equilibrioflor

1 sem

♥ 157 curtidas

**equilibrioflor** Essa era eu, obesa, 84kg, vivi toda a adolescência em "sou gorda e não posso mudar isso", hoje me tornei uma mulher consciente, hoje sei que vou precisar estar sempre me equilibrando, para o resto da vida, preciso me policiar de comer doces toda hora, preciso deixar de comer 3 pedaços de pizza, tenho que manter horários para comer, não posso deixar a alma gorda dominar. Eu sou dona de mim, eu devo me manter fixa em meu ideal e isso é o que faço todos os dias.

#equilibrioflor #grupoemagrinha

#comidasaudavel #ficamagraporra

#gordanuncamais #magraparasempre

#emagrecendocomsaude #comerbem

#semneuras #semradicalismo

#acreditabonita #exorcizaalmagorda #saude

#foco

